

REFLEXÕES SOBRE OS CONTEÚDOS DE FILOSOFIA MINISTRADOS PARA OS CURSOS DE ADMINISTRAÇÃO

ROBERTO BAZANINI¹
 JOÃO GALDINO SILVA DA NETO²
 ANDRÉA BORGES DA CRUZ NAKAURA³

RESUMO

Os debates iniciados pelos educadores, no final dos anos 1980, resultaram na recomendação da disciplina Filosofia pelo Conselho Nacional de Educação para os cursos de Administração, para todo o Brasil, a partir de 1993; porém, decorridas mais de duas décadas, o ensino-aprendizagem de Filosofia relacionada aos negócios encontra barreiras para se firmar como disciplina relevante do currículo. O problema da pesquisa está em encontrar conteúdos e metodologias pertinentes, para que a aprendizagem da disciplina se torne significativa. Por meio de pesquisa exploratória, de natureza qualitativa, o objetivo da pesquisa está em identificar as principais dificuldades encontradas na percepção dos alunos e professores dos cursos de Administração e, concomitantemente, sugerir novos procedimentos que estejam alinhados com as necessidades do ensino-aprendizagem. A contribuição da pesquisa está em propiciar subsídios para que as práticas do ensino de Filosofia da Administração sejam atualizadas e, em decorrência, que as práticas pedagógicas tornem a disciplina significativa para os alunos dos cursos de Administração.

Palavras-chave: Ensino-aprendizagem; Filosofia da Administração; Ambiente de negócios.

ABSTRACT

Arguments made by educators in the 80's decade end, resulted in the recommendation of Philosophy subject by the National Council of Education for Management courses throughout Brazil since 1993, however, elapsed more than two decades, the teaching-learning related to the philosophy of management finds barriers to establish itself as a relevant subject in the curriculum. The research problem is to find relevant content and methodologies that learning the discipline becomes significant. According exploratory and qualitative research, of subject the aim of the research is to identify the main difficulties encountered in the perception of students and teachers of management courses and concomitantly suggest new procedures that are aligned with the teaching-learning needs. The contribution of the research is to provide subsidies to practice the philosophy of management's teaching, and with method to the pedagogical practices become meaningful subject for students of management courses.

Keywords: Teaching-learning; Philosophy of Management; Business environment.

¹ Bacharel em Administração, Filosofia e Pedagogia. Mestre em Comunicação Social. Doutor em Comunicação e Semiótica (PUC/SP). Professor Titular do Mestrado em Administração da Universidade Paulista - UNIP/SP. robertobazanini@bol.com.br

² Mestrando do Programa de Mestrado em Administração da UNIP/SP. Professor de graduação da Universidade Paulista - UNIP/SP. jg@ig.com.br

³ Aluna do curso de graduação em Administração em Empresas da UNIP/SP Campus Paulista anakaura@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Desde 1993, a disciplina Filosofia passou a ser recomendada para os cursos voltados para as Ciências Sociais Aplicadas.

Em 2001, a CEEAD (Comissão de Especialistas de Ensino em Administração) submeteu proposta à apreciação do Conselho Nacional de Educação, sendo aprovada em 2004 a Resolução n. 1, inserindo o ensino de Filosofia nos cursos de Administração, como conteúdo de formação básica.

O presente estudo parte do pressuposto de que os modelos educacionais e as práticas educativas possuem condicionantes socioculturais que precisam ser contemplados, contrariamente ao universo pré-*webs*, no qual a dinâmica social favorecia a possibilidade de leituras, enquanto as transformações midiáticas nas últimas duas décadas favoreceram a apropriação imediata de novos espaços de interação entre os atores envolvidos nas sociedades dispostas em redes (CASTELLS, 2005).

Para melhor esclarecimento dos conceitos, este estudo objetiva analisar um caso particular de experiência em sala de aula, que apresenta duas experiências relacionadas: a primeira envolvendo o ensino tradicional de Filosofia, e a segunda por intermédio da metodologia da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) para os cursos de Administração.

O estudo parte da premissa básica de que a situação de dicotomia entre o saber professoral e o saber social caracteriza a relação de aprendizagem e que no imaginário do aluno, em torno da figura do filósofo, está associada a suspeita de que a Filosofia é uma atividade inútil e incapaz de interessar minimamente aos sujeitos práticos e imediatistas de nossa contemporaneidade.

Dessas dificuldades, decorre o problema central da pesquisa: quais conteúdos filosóficos e metodologias podem se tornar adequados para o ensino/aprendizagem de Filosofia nos cursos de Administração?

A pesquisa possui dois objetivos básicos: inicialmente, detectar a percepção dos alunos e professores sobre os conteúdos e metodologias

empregados em sala de aula para, posteriormente, propor uma nova forma de ensino em consonância com as exigências do ciberespaço, com o ensino de Filosofia relacionado à perspectiva da Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP).

Por meio de pesquisa exploratória, de natureza qualitativa, o instrumento de coleta de dados está voltado para a formulação de questões abertas direcionadas aos professores e alunos dos cursos de Administração pertencentes a uma universidade localizada na região do Grande ABC e que experienciaram o ensino da disciplina nessas duas perspectivas, ou seja, pela metodologia tradicional e pela metodologia da ABP.

Desse modo, o presente trabalho busca discutir, com dados relacionados à vivência empírica em sala de aula, a pertinência do raciocínio filosófico e, assim, contribuir para se alcançar melhor entendimento sobre as possibilidades de aplicação de novas metodologias e conteúdos na disciplina Filosofia, nos cursos relacionados ao universo empresarial.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Acentuadamente, nas últimas duas décadas, o avanço da tecnologia provocou uma série de mudanças significativas em termos de comunicação e interação das pessoas, resultando em novas configurações no processo de ensino e aprendizagem.

Com o surgimento da *internet*, a consolidação do uso dos computadores e a massificação do acesso a esses recursos criaram possibilidades consideradas inimagináveis se comparadas aos modelos teóricos de décadas passadas.

Em consequência dessas inovações, inúmeros trabalhos foram publicados sobre a necessidade de se elevar o nível de qualidade do ensino de graduação voltado para as Ciências Sociais Aplicadas.

Entre esses trabalhos, pode-se destacar Moran (2005), Cunha (2006), Dutra, Fleury e Ruas (2008), De La Torre (2008), Veen e Vrakking (2009),

Bazanini (2005, 2007, 2010), Knowles, Holton, Swason (2009), Masseto (2012) e Bazanini e Bazanini (2014), entre outros.

Moran (2005) faz algumas reflexões sobre os novos paradigmas educacionais resultantes da educação *online*; Cunha (2006) discorre sobre as modalidades de ensino que passaram a predominar nos sistemas neoliberais a partir da década de 1990; Dutra (2008) aponta as novas tendências da educação na formação de competências para o mercado de trabalho; De La Torre (2008) discute que as estratégias de ensino não são mais de mera transmissão, como ocorria no passado, mas sim, de interação, motivação, aplicação, investigação, tutoria, resolução de problemas e simulação; Veen e Vrakking (2009) substituem o termo *Homo Sapiens* por *Homo Zappiens*, cuja característica dominante está em ser um processador ativo de informação para resolver problemas de modo muito hábil com a utilização de estratégias de jogo acompanhadas da capacidade de se comunicar de forma efetiva.

Bazanini (2005, 2010), na perspectiva do ensino de Filosofia como um processo existencial humano, afirma que as empresas deveriam ser concebidas como um sistema social, não apenas econômico ou industrial, para melhor compreensão de seu funcionamento e eficácia; Knowles, Holton, Swason (2009) acentuam que a educação deveria priorizar a capacidade crítica dos alunos para alcançar resultados práticos por meio do trabalho em equipe; Masseto (2012) discorre sobre as diferentes técnicas de educação que se encontram disponíveis ao educador contemporâneo; Bazanini e Bazanini (2014) buscam distinguir claramente as possibilidades e os fundamentos do conhecimento, a lógica da inteligência competitiva e as éticas predominantes no mundo dos negócios.

Apesar de inúmeras reflexões críticas, o ensino de Filosofia relacionado parece continuar dissociado da prática social e profissional dos estudantes, que se sentem incapazes de perceber algum tipo de relevância no conteúdo ministrado, que permita a realização de investigações de caráter básico, socializar conhecimentos, desenvolver competências e atitudes que favoreçam a discussão

crítica da atividade executiva para se encontrar soluções para os problemas presentes no ambiente empresarial.

2.1 A Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP)

Entre as abordagens pertencentes à Aprendizagem Significativa (AS), a ABP propõe aos alunos casos simulados ou reais para, inicialmente, serem discutidos de forma teórica e, posteriormente, apresentar soluções práticas.

Ausubel (2006) afirma que na AS o aluno é ativo na construção do seu conhecimento e participa do processo educacional. Para Jonassen (2007), a AS, com apoio das novas tecnologias na Educação, recria ambientes em que o aluno constrói o seu conhecimento por meio do pensamento reflexivo.

A ABP é uma proposta pedagógica que começou a ser desenvolvida no final da década de 1960, na *McMaster University* (Canadá) e, anos depois, na *Universidade de Maastrich*, na Holanda.

Essa abordagem consiste em procedimentos inovadores, nos quais situações problemas são apresentadas para iniciar e direcionar a aprendizagem.

Autores como Berbel (1998), Barrows e Tamblyn (1980), Bufrem e Sakakima (2003), Ribeiro (2008) Ramos (2010), Pretto e Riccio (2010) e Masseto (2012) discorrem sobre a AS, cuja especificidade está em “envolver o aluno com um todo: ideias, sentimentos, cultura, valores, sociedade, profissão etc., na qual são valorizadas a autoaprendizagem e a interaprendizagem”.

Um dos percursores dessa proposta foi o filósofo norte-americano John Dewey. Dewey (1959) afirma que para uma sociedade ser efetivamente desenvolvida deve discutir, sempre, as vantagens e desvantagens de comportamentos, ao invés de condenar, à primeira vista, um determinado comportamento.

Ao discursar em favor do que pode haver de bom na administração de empresas, enfatiza que preferia que os filósofos agissem menos como padres e mais como advogados e engenheiros, vez que os primeiros já sabem tudo o que tem de dizer a respeito de todo e qualquer problema, enquanto os segundos, tendo de resolver caso por caso, são obrigados a ouvir, pensar, refletir e solucionar problemas e situações particulares e contingentes.

Desse modo, para a AS, uma nova maneira de fazer sempre traz em si, embrionariamente, novos aspectos do objeto em questão, acompanhado de uma nova forma de conduta.

Uma das afirmações mais controversas para aqueles que raciocinam com base nos preconceitos do senso comum diz respeito à inclusão na categoria de filósofos dos pensadores pró-capitalistas, vez que, no ensino tradicional, somente se admite o ato de filosofar como próprio daqueles que buscam a sabedoria para além dos interesses mundanos.

Bazanini (2010), ao analisar os operadores básicos das Ciências Humanas, esclarece que nas Ciências Sociais Aplicadas a definição constitui uma escolha, delimitação do objeto a ser estudado com o intuito de dar um sentido que interessa ao seu autor.

Nessa linha de raciocínio, caso se adote a definição tradicional de Filosofia concebida como amor à sabedoria, evidentemente não se justifica a inclusão de executivos voltados para a vantagem e o lucro na condição de filósofos. Contudo, se a definição tradicional for substituída por uma definição pragmática, como, por exemplo, Filosofia como concepção do mundo da qual se deduz certa forma de conduta, a inclusão dos pensadores das teorias da Administração na condição de filósofos do Capitalismo se torna pertinente.

Masseto (2012) concorda com essa visão ao direcionar sua análise para a importância da aplicação dos conhecimentos adquiridos em sala de aula à vida profissional e à solução de problemas alicerçados em competências como criatividade e imaginação.

Assim, ao refletir sobre a melhor maneira de fazer e de ultrapassar o mero empirismo do senso comum que, até então, predominava na Administração, embrionariamente, as funções de planejar, organizar, dirigir e executar se tornaram imprescindíveis para o sucesso empresarial e, conseqüentemente, desde o século XVIII, os filósofos do Capitalismo como produto da Revolução Industrial, com criatividade e imaginação, legaram para o universo do conhecimento a contínua busca da eficiência, dando origem às mais diferentes escolas do pensamento administrativo.

2.2 Os filósofos do Capitalismo

O pensamento administrativo possui fundamentos filosóficos que precisam ser mais bem explicitados para os futuros gestores, visto que, desde os primeiros pensadores voltados para a inteligência competitiva na prática empresarial, os preceitos da AS e as estratégias presentes na metodologia da ABP, mesmo de forma embrionária, sempre estiveram presentes.

Nesse estudo, concebe-se como filósofos do Capitalismo os pensadores da Administração que, na formulação e implementação de estratégias, buscaram a melhor maneira de fazer para maximizar a produtividade pela elaboração de sistemas até certo ponto complexos (GABOR, 2001).

Nessa perspectiva, podem ser considerados como exemplos paradigmáticos os primeiros pensadores da Economia e da Administração que forneceram as bases do desenvolvimento gerencial, entre os quais se pode destacar: Adam Smith, Herbert Spencer (foram principalmente economistas), Frederick Wislom Taylor, Mary Parker Follet, Peter Drucker e Edwards Deming (atuaram principalmente como consultores) e Elton Mayo, Chester Irving Barnard, Douglas Mc Gregor e Abraham Maslow (foram sobretudo acadêmicos).

Esses primeiros pensadores do universo empresarial, os consultores e acadêmicos forneceram elementos do pensar filosófico para as atividades lucrativas.

Pioneiros, como Smith (2003), ao investigar a natureza e as causas da riqueza das nações, lançaram as bases do liberalismo como os princípios da livre concorrência e o conceito de livre-mercado.

Spencer (1939), considerado o fundador do darwinismo social, buscou no evolucionismo os mecanismos e objetivos da sociedade e defendeu o ensino da Ciência para formar adultos competitivos por considerar a sociedade uma “selva concorrencial”, na qual somente os mais aptos sobrevivem.

Na condição de consultores e gestores, Taylor (1990), inspirador do modelo da Administração Científica, pensador obstinado pelo trabalho, eficiência e produtividade, criticou o *laissez-faire* do empirismo tradicional e Fayol (1987) elaborou os princípios básicos da Administração e a departamentalização com base nos organismos biológicos.

Follet (s/d) concebeu que somente a identificação com os impulsos sociais subjacentes pode fazer com que os executivos construam grandes organizações.

Na condição de acadêmicos e gestores, Mayo (1933), inspirador da Escola das Relações Humanas, enfatizou a importância da motivação na busca da excelência empresarial; Barnard (1968), escritor e presidente da New Jersey Bell, demonstrou a importância da persuasão retórica do líder para que grandes empreendimentos ocorram por meio da teoria da aceitação da autoridade, propiciando importante contribuição à Escola Comportamental ao atualizar a Teoria das Relações Humanas e Deming (1997), estatístico norte-americano, procurou unir em um único sistema as visões das Ciências Exatas e das Ciências Humanas, formulou e divulgou os princípios da Gestão da Qualidade, que contribuíram para a recuperação econômica do Japão que, posteriormente, tornou-se um novo paradigma para a Administração no ocidente.

Drucker (1993), jornalista, elaborou teoricamente a necessidade da adaptabilidade das organizações modernas ao novo dinamismo social e tecnológico, denominado por ele de Sociedade do Conhecimento.

McGregor (1992) sintetizou brilhantemente a atitude da Escola Clássica, denominando-a Teoria X, teoria absolutamente pessimista em relação à natureza humana, comparativamente ao Modelo de Relações Humanas, denominada por ele de Teoria Y, essa radicalmente otimista em relação ao ser humano.

Maslow (2001) atualiza a teoria Y de McGregor, enunciando uma concepção dinâmica do crescimento pessoal; todavia, não radicalmente otimista, como os teóricos defensores da ideia do desenvolvimento humano, reconhecendo os bloqueios inibidores do crescimento.

Em síntese, seja como pioneiros, consultores, gestores ou acadêmicos, os pensadores da inteligência competitiva apresentam um repertório de ideias sobre estratégias provenientes dos mais diferentes campos do saber: Engenharia, Psicologia, Sociologia, Biologia, permitindo às empresas aplicarem as mais recentes descobertas científicas e humanísticas na defesa de seus interesses; por isso, podem ser classificados legitimamente na condição de filósofos do Capitalismo.

2.3 Alfabetização Metodológica: definição e método

O sucesso do aprendizado em qualquer aspecto da realidade humana está na disposição dos envolvidos em serem submetidos à alfabetização metodológica, como explica Bazanini e Bazanini (2014, p. 14-15):

Alfabetizar é aprender a linguagem de determinado ramo do saber. Alfabetização metodológica é o passo inicial para o entendimento de qualquer campo do conhecimento, por isso, a classificação das ciências e a compreensão de seus operadores se tornam essenciais para o entendimento daquilo que se estuda (...) a alfabetização metodológica objetiva propiciar ao estudante das ciências sociais aplicadas a capacidade de analisar (decompor), sintetizar (unir), assim, perceber a evolução presente no processo de produção do conhecimento decorrentes das mudanças do contexto social.

Na perspectiva da AS, recomenda-se que tanto professores quanto estudantes devem ser submetidos à alfabetização metodológica para o estudo das Ciências Sociais.

Inicialmente, é proposta a necessidade do entendimento de sete operadores básicos (definir, explicar, exemplificar, diferenciar, descrever, narrar e dissertar).

Entre esses operadores, a definição é concebida como o ato de delimitar o objeto de estudo, escolher, propiciar um sentido intencional conveniente aos interesses de seu autor.

Evidentemente, a Filosofia pode ser definida de inúmeras maneiras; todavia, para os propósitos do emprego da metodologia da ABP, a definição pragmática de “Filosofia como uma visão geral de mundo da qual se deduz certa forma de conduta” permite a formulação de um método adequado à dinâmica do universo empresarial.

Descartes (1968) define método como caminho que se utiliza para se chegar a determinado fim e sendo o objetivo central do presente estudo analisar criticamente o ensino/aprendizagem da disciplina Filosofia voltado para a atividade empresarial, o método escolhido se caracteriza pelo pragmatismo, ou seja, parte-se do pressuposto de que a intencionalidade dos agentes está em alcançar vantagens para si ou para sua organização em ambientes altamente competitivos, conforme quadro 1.

Quadro 1 - Elementos do Método

Primeiro procedimento – Investigar as exigências do contexto social.
Segundo procedimento – Relacionar o contexto social ao Processo de Produção do Conhecimento.
Terceiro procedimento – Acentuar o enfoque analítico e crítico.
Quarto procedimento – Considerar o sucesso como validação da estratégia empregada.
Quinto procedimento – Sintonizar a ideologia do pensamento com o temperamento de seu autor.

Fonte: Bazanini (2007, p.68).

2.3.1 Justificativa dos procedimentos do método

O método pode ser definido como um caminho que se escolhe para se chegar a determinado objetivo e, para tal, as mudanças no contexto social promovem mudanças nas formas de abordagem de determinado fenômeno.

Castells (2005) expõe que no universo de contínuas transformações tecnológicas, ciberespaço e inteligência coletiva, a sociedade tem passado por uma série de transformações em virtude do desenvolvimento dos sistemas eletrônicos e das possibilidades tecnológicas presentes na comunicação e interação social e que essas transformações impactam consideravelmente outros aspectos da realidade social, como a redução das distâncias, os modos de se relacionar e a própria mudança cultural, que ele denomina “cultura *internet*”.

Nessa mesma linha de raciocínio, Negroponte (1995) faz comparações entre a era industrial e a era da informação, argumentando que, nesta última, há semelhante preocupação com as economias de escala da primeira; porém, menos preocupações com o espaço e o tempo, e enfatiza que “a vida digital exigirá cada vez menos que você esteja num determinado lugar em determinada hora, e a transmissão do próprio lugar vai começar a se tornar realidade” (NEGROPONTE, 1995, p. 159).

Esses autores concebem que a *internet* impactou a Humanidade, constituindo um novo espaço de interação social e econômica, denominado ciberespaço e, nesse sentido, Hall (2005, p. 70) concede especial atenção ao ciberespaço, informando que “diferentes épocas culturais têm diferentes formas de combinar essas coordenadas espaço-tempo”.

Assim, há de se entender que este espaço se apresenta apenas como meio para as conexões e interações entre os indivíduos e não como fator de mudanças, já que, ao possibilitar a comunicação entre indivíduos de diferentes partes do Planeta, possibilita o intercâmbio de ideias e conhecimento entre as pessoas.

Com base nessas transformações, os métodos para investigação da realização precisam ser atualizados. Os procedimentos do método, pelo seu caráter pragmático, colocam em evidência as controvérsias, conveniências e críticas presentes na reflexão filosófica desde seus primórdios.

Conforme Bazanini (2010, p. 22): controvérsias – qualquer assunto humano possui no mínimo, duas posições aceitáveis; conveniência – o ponto de vista dentro da controvérsia; crítica – um novo ponto de vista sobre a conveniência de alguém.

Para Bazanini (2010, p. 23), a alfabetização metodológica constitui a premissa básica nos estudos de Filosofia aplicados às Ciências Sociais na era tecnológica.

Em nossa contemporaneidade, desde o surgimento da INTERNET, a revolução tecnológica está remodelando a base material da sociedade em ritmo acelerado e se “a tecnologia é a sociedade, a sociedade não pode ser entendida ou representada sem suas ferramentas tecnológicas” (CASTELLS, 2005, p. 25).

Decorre, então, que a investigação do contexto social constitui o ponto de partida do processo educacional, visto que a sociedade em rede é essencialmente tecnológica e como ressalta Lemos (2002, p. 147): “Hoje, rede significa uma estrutura telemática ligada a conceitos como interatividade, simultaneidade, circulação e tactibilidade”.

Desse modo, o grau de desenvolvimento tecnológico presente no contexto social determina a qualidade e o grau de complexidade das relações sociais; conseqüentemente, os problemas causados pela habilidade ou inabilidade em dominar essas mesmas tecnologias (CASTELLS 2005, p. 26).

Assim:

[...] sem dúvida a habilidade ou inabilidade das sociedades dominarem a tecnologia e, em especial, aquelas tecnologias que são estrategicamente decisivas em cada período histórico, traça seu destino a ponto de podermos dizer que, embora não determine a evolução histórica e a transformação social, a tecnologia (ou sua falta) incorpora a capacidade de transformação das sociedades, bem como os usos que as

sociedades, sempre em um processo conflituoso, decidem dar ao seu potencial tecnológico.

Na perspectiva da ABP, o Processo de Produção do Conhecimento está intrinsecamente relacionado às Exigências do Contexto Social, tendo o Enfoque Analítico e Crítico a função de verificar continuamente a adequação do conhecimento proposto ao contexto, sendo que sua pertinência ou não ocorre por meio de pesquisas que irão ou não confirmar se determinada atitude ainda é pertinente ou não.

Comumente, no mundo dos negócios, caso o sucesso seja alcançado, determinada estratégia anteriormente empregada é validada; caso contrário, essa atitude será rejeitada como ineficaz e a estratégia não será validada para aquele contexto, pois, como propôs o professor Zaccarelli (2000, p. 55): “Vale salientar que não existe estratégia certa, existe estratégia que deu certo, assim como não existe estratégia errada, existe estratégia que deu certo”.

Evidentemente, esse caráter pragmático das soluções estratégicas recebe influência do próprio Temperamento do Autor, isto é, as pessoas pertencentes ao mesmo contexto social podem propor soluções diferentes para os mesmos problemas em sintonia com as características de sua visão de realidade, na qual estão presentes: crenças, valores, grau de conhecimento e atitudes que, subjetivamente, são valorizados no contexto social.

Ressalte-se que, ao se partir das exigências do contexto social para se conceber a produção do conhecimento, os problemas estão sendo priorizados em consonância com a recomendação de Prado de Mendonça (1984, p.72):

Não bastam teorias. É necessário que saibamos sempre relacioná-las aos problemas a que se referem. É necessário, especialmente, saber colocar os problemas. Não podemos aceitar qualquer problema, colocado de qualquer maneira. Para nós, o valor por excelência de uma verdadeira Filosofia é que ela começa pelo debate sobre a maneira correta de se colocar um problema.

Portanto, os cinco procedimentos do método proposto (quadro 1), em consonância com a dinâmica da ABP, em seu conjunto, constituem a visão pragmática por excelência das Ciências Sociais Aplicadas, por isso, adequados ao estudo das filosofias implícitas nas diferentes teorias do pensamento administrativo.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico é um conjunto de escolhas que o pesquisador faz para realizar seu estudo. As decisões envolvem o método, a estratégia e as técnicas de coleta, a organização, a análise e a interpretação dos dados (GIGLIO E HERNANDES, 2012, p.81).

Nesta pesquisa, optou-se pelo método de investigação qualitativa que envolve “a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos” (GODOY, 1995, p.58).

A escolha do método qualitativo justifica-se, ainda, em decorrência da investigação do papel do professor ao ministrar o conteúdo filosófico envolver, sobretudo, interação social (FLICK, 2009, p. 20).

Considerando os tipos de pesquisas discutidos na Literatura, nesse artigo, pretende-se investigar a questão de pesquisa a partir da tipologia de pesquisa exploratória, a qual possui a função de examinar um tema ou problema de investigação pouco estudado ou que não tenha sido abordado antes (SAMPIERI, COLLADO & LUCIO, 1991, p. 59) e, também, porque a pesquisa exploratória é adequada aos propósitos deste artigo, devido aos raros estudos que identificaram a importância de se adequar o conteúdo filosófico às teorias da Administração.

Quanto à estratégia de pesquisa adotada para a condução dessa investigação, escolheu-se o estudo de caso, que é “uma investigação empírica

que indaga os fenômenos contemporâneos dentro de um contexto real, de forma que os limites desse fenômeno e o contexto se confundem” (YIN, 2010).

3.1 O Instrumento de Coleta de Dados

A amostra é composta de três professores e dez alunos reprovados na disciplina Filosofia da Administração, cujo conteúdo ministrado esteve relacionado ao estudo de manuais da História da Filosofia e Metodologia Tradicional e que, posteriormente, refizeram a disciplina com o conteúdo e metodologia voltados para a ABP.

Os professores foram entrevistados individualmente, com duas questões abertas (Quadro 2), enquanto os alunos foram divididos em dois grupos para responder quatro questões abertas (Quadro 3).

Quadro 2 - Questão para os professores

1. O que é ser professor de Filosofia no século XXI para os alunos do curso de Administração?
2. Qual a principal barreira encontrada no ensino da disciplina Filosofia?

Fonte: os próprios autores.

Quadro 3. Questões para os alunos.

1. Qual a principal barreira encontrada no aprendizado da disciplina Filosofia?
2. Como foi a experiência de estudar os teóricos da Administração na perspectiva filosófica?
3. Em sua opinião, que contribuições esse estudo pode trazer para sua vida acadêmica ou profissional?
4. Cite um exemplo marcante presente nesse aprendizado?

Fonte: os próprios autores.

4. RESULTADOS DA PESQUISA

De modo geral, as respostas dos professores ressaltam a importância de se empregar metodologias e ministrar conteúdos que tenham relevância para os alunos e, para tal, é preciso haver comprometimento e atualização didática, tanto temática quanto prática.

Pelas respostas dos entrevistados, é possível inferir que o método deve primar pelo pragmatismo relacionado ao saber sociológico, ao mesmo tempo em que o anacronismo do ensino tradicional é criticado (Quadros 4, 5 e 6).

Quadro 4. Resposta dos professores.

1. O que é ser professor de Filosofia no século XXI para os alunos do curso de Administração?
P1. “É agregar valores à vida e à carreira do aluno, pelo conteúdo (da disciplina ministrada) e encantar pelo método (forma de abordar o conteúdo e uso de cases).”
P2. “É ser um mediador na construção do conhecimento, mas, para isso, deve ter algumas competências: ter boa formação; saber usar novas tecnologias; atualização constante na didática, na temática e na prática.”
P3. “O professor precisa migrar de educador para facilitador e partir suas abordagens de situações concretas que fazem parte do repertório de vida dos alunos.”
2. Qual a principal barreira encontrada no ensino da disciplina Filosofia?
P1. “A falta de relação do conteúdo da disciplina com a vivência dos alunos nas áreas de administração.”
P2. “A desatualização do professor aos estilos de aprendizagem demandados pelo aluno.”
P3. “O aluno vive no século XXI e as técnicas de ensino tradicional de Filosofia são do século XIX.”

Fonte: os próprios autores com base nas respostas dos entrevistados.

As respostas dos alunos enfatizam o desinteresse no aprendizado da disciplina Filosofia baseado nos conteúdos do ensino tradicional e destacam a importância de se estudar Filosofia na perspectiva dos filósofos do Capitalismo (Quadros 5 e 6).

Quadro 5. Respostas dos alunos do Grupo 1

1. Qual a principal barreira encontrada no aprendizado da disciplina Filosofia? R1. "Principal barreira: falta de interesse pelo conteúdo ministrado."
2. Como foi a experiência de estudar os teóricos da Administração na perspectiva filosófica? R2. "Surpreendente. Jamais se poderia imaginar que o conteúdo filosófico seria compatível com a Administração."
3. Em sua opinião, que contribuições esse estudo pode trazer para sua vida acadêmica ou profissional? R3. "Aprender a pensar de forma racional e crítica sobre o que é na verdade ser empreendedor."
4. Cite um exemplo marcante presente nesse aprendizado? R4. "Caso SBT <i>versus</i> TV Manchete."

Fonte: os próprios autores com base nas respostas dos entrevistados.

Quadro 6. Respostas dos alunos do Grupo 2

1. Qual a principal barreira encontrada no aprendizado da disciplina Filosofia? R1. "Principal barreira: Assuntos sem nexos. Enrolação do professor."
2. Qual a principal barreira encontrada no aprendizado da disciplina Filosofia? R2. "Bem diferente. Raciocinar é encontrar soluções aceitáveis pela resolução de problemas."
3. Em sua opinião, que contribuições esse estudo pode trazer para sua vida acadêmica ou profissional? R3. "Entender que as disciplinas humanas se voltam para os relacionamentos e complementam os aspectos exatos das demais disciplinas do curso."
4. Cite um exemplo marcante presente nesse aprendizado? R4. "As éticas presentes na Doutrina do Interesse do Acionista e a Doutrina da Responsabilidade Social e o depoimento de Taylor na Câmara dos Comuns, em 1912."

Fonte: os próprios autores com base nas respostas dos entrevistados.

As respostas dos professores e dos alunos pesquisados, em seu conjunto, remetem à ideia de que o ensino de Filosofia para o curso de Administração deve partir de questionamentos sobre a vivência cotidiana e que o conhecimento somente se torna relevante se estiver voltado para o campo de atuação dos futuros profissionais, conforme o Quadro 7.

Quadro 7. Temas pertinentes e respostas dos entrevistados.

TEMAS	RESPOSTAS DOS ENTREVISTADOS
Praticidade do conhecimento A Filosofia como auxiliar do raciocínio para se tomar decisões. Exemplos marcantes sobre o conteúdo ministrado.	“O administrador vive no mundo prático e essa forma de abordagem está bem mais próxima da realidade que vivemos cotidianamente.” 2. “Conhecer a história dos administradores antigos favorece a capacidade de raciocinar para se tomar decisões.” “O crescimento da TVS (SBT) e a falência da TV Manchete.” “A visão sobre a complementariedade entre as éticas.” “A relação entre a Doutrina do Interesse do Acionista e a Doutrina da Responsabilidade Social.”

Fonte: os próprios autores com base nas respostas dos entrevistados.

5. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Em uma primeira leitura, os resultados da pesquisa enfatizam a necessidade de se adequar o ensino/aprendizagem de Filosofia ao conteúdo das teorias de Administração. Essa adequação parte da premissa que o professor de Filosofia possua conhecimentos básicos das teorias de Administração.

Outro aspecto importante diz respeito ao conceito de que os funcionários de uma organização também podem ser considerados empreendedores, vez que preenchem a função pela qual são definidos, ou seja, são realizadores de novas combinações de meios de produção, como define Pinchot (1989, p. 191):

Empreendedores são todos os sonhadores que realizam. Aqueles que assumem a responsabilidade pela criação de inovações de qualquer espécie dentro de uma organização. O *intrapreneur* pode ser criador ou inventor, mas é sempre o sonhador que concebe como transformar uma ideia em uma realidade lucrativa.

Nesse particular, faz-se necessário advertir que, na sociedade globalizada, o significado do termo empreendedor não é apenas o “empresário” no sentido estrito do termo, não apenas os homens de negócio independentes, atualmente, chamados de empreendedores, mas também os funcionários que se comprometem com o alcance dos objetivos, como ocorre, por exemplo, no trabalho em equipe.

Essa visão ampla e pragmática do conceito de empreendedor está em consonância com a visão da AS, contida no pensamento do filósofo John Dewey.

Dewey (1959) desloca o foco da questão para o conceito de utilidade ao ressaltar que não existe verdade ou inverdade em si mesma; só existe uma verdade ou inverdade relativa à vida humana. O que é útil e vantajoso é verdadeiro – o que é inútil ou desvantajoso é falso.

Portanto, filosoficamente, algo pode ser objetivamente verdadeiro e ao mesmo tempo subjetivamente falso, conforme o valor ou desvalor que tenha para minha vida; a mesma coisa pode ser verdadeira (útil) para mim e não verdadeira (inútil) para meu vizinho.

Os exemplos citados pelos pesquisados apontam a necessidade de se dotar de ferramental teórico os educandos, para melhor entendimento das disciplinas consideradas práticas do curso.

É interessante observar que a necessidade de se adequar o conteúdo filosófico à prática empresarial para solução de problemas como ocorre na cultura oriental foi mencionado por Gabor (2001, p. 223) ao citar o espanto de Edward Deming diante das diferenças entre o pensamento japonês e o norte-americano sobre Filosofia empresarial: “[...] na cultura japonesa, quando se fala de Filosofia, eles a pegam e tentam trabalhar com ela como tal. Na Ford, quando se fala de Filosofia, a tendência é desviar do assunto”.

Em consonância com essa percepção, os resultados da pesquisa indicam que a Abordagem pelos problemas (ABP) se torna imprescindível em atividades concorrenciais, atividades nas quais a divagação se torna contraproducente, o

conhecimento de situações concretas experienciadas pelos pensadores do Capitalismo contribui para se entender metodologicamente os riscos implícitos nas decisões tomadas.

5.1 Exemplos marcantes

Os exemplos marcantes citados (respostas da questão 4 do quadro 3) serão reproduzidos nos quadros 8, 9 e 10 para melhor entendimento do conteúdo e da metodologia consideradas pertinentes pelos educandos pesquisados.

5.1.1 Exemplo marcante 1

A aplicabilidade dos cinco passos do método associada ao exemplo da disputa mercadológica entre duas emissoras de TV foi bastante discutida pelos alunos e professores durante o curso.

Quadro 8. Aplicabilidade do Método.

Caso: TVS versus Rede Manchete
Contexto social – Início da abertura política no Brasil. Concessão de canais de televisão: TV Manchete (atual Rede TV) e TVS (atual SBT).
Diagnóstico: TV Manchete – historicamente, quando as ditaduras dão lugar aos sistemas democráticos, o povo quer programas de cultura.
Diagnóstico TVS – povo é povo; quanto mais programas com apelos sensacionalistas, maior tende a ser a audiência.
Produção do conhecimento – TV Manchete – Programas com conteúdos voltados para o cinema de arte, música popular brasileira e programas educativos.
Produção do conhecimento – TVS – Programas sensacionalistas com a criação do “Povo na TV” e novelas mexicanas.
Enfoque analítico e crítico. As respectivas emissoras concebiam que as programações exibidas atendiam às novas exigências desse contexto social.
O sucesso como validação da estratégia – A TV Manchete alcançou baixíssima audiência com programas considerados de boa qualidade, enquanto o SBT, exibindo programas sensacionalistas, bateu recordes de audiência, chegando em alguns períodos a conquistar o segundo lugar em audiência, somente atrás da Rede Globo de Televisão.
Temperamento de seu autor – A família Civita, proprietária da TV Manchete, com formação intelectual reconhecida, optou pela transmissão de conteúdos culturais; Senhor Abravanel (Silvio Santos), originariamente camelô, manteve sua linha de espetáculos populares e sensacionalistas.

Fonte: Bazanini R.; Bazanini, H. L. (2014, p. 22).

5.1.1.1 Reflexões filosóficas sobre o tema

Em termos filosóficos, a disputa mercadológica que se estabeleceu no caso TVS *versus* Rede Manchete pode ser analisada a partir do referencial proposto pelo darwinismo social. O darwinismo social corresponde à luta pela sobrevivência, na qual só os mais capazes, espertos, inteligentes e precavidos conseguem sobreviver no ambiente concorrencial.

Nessa linha de raciocínio, existiriam características biológicas e sociais que determinariam se uma pessoa seria superior à outra e que aquelas que se enquadrassem nesses critérios seriam as mais aptas. Geralmente, alguns padrões determinados como indícios de superioridade em um ser humano seriam o maior poder aquisitivo e a habilidade nas ciências humanas e exatas, decorrentes da superioridade que alguns, naturalmente, possuem em relação aos seus pares: os resultados da luta comprovam o poder do forte.

Na perspectiva dos filósofos do Capitalismo, os estudos de Herbert Spencer sobre o darwinismo social e a crítica de Abraham Harold Maslow dirigida ao pensamento de Peter Drucker são bastante instrutivos no sentido de contrapor o real ao ideal.

Na visão de Spencer, é preciso preparar os indivíduos para serem úteis à sociedade e, ao mesmo tempo, possibilitar uma formação adequada à sua sobrevivência no âmbito do sistema capitalista (SPENCER, 1939).

O erro no diagnóstico da TV Manchete pode ser comparado analogicamente à crítica de Maslow em relação aos princípios de Drucker.

Para Maslow, os princípios de Drucker só funcionam para uma pessoa que se encontra num nível relativamente elevado da hierarquia das necessidades, isto é, pessoas cujas necessidades mais básicas já estão satisfeitas, visto que ignora a necessidade de selecionar o tipo certo de pessoas para que seus princípios gerenciais funcionem. Esquece, portanto, de que há muita gente no mundo para as quais esses princípios não funcionarão, gente que está doente demais para funcionar num mundo esclarecido (MASLOW, 2001).

5.1.2 Exemplo marcante 2

Em relação à complementariedade entre as éticas, o exemplo da quadrilha foi lembrado por todos os educandos pesquisados.

Quadro 9. Complementariedade entre as éticas.

Imaginemos um exemplo extremo: uma quadrilha de salteadores. A quadrilha, na perspectiva da ética teleológica, pode roubar o mundo inteiro; contudo, precisa estabelecer ações de confiança e comprometimento com os assaltantes do grupo contidas na ética deontológica e na moral da integridade para os membros continuarem unidos.

Fonte: Bazanini R; Bazanini, H. L. (2014, p. 92).

5.1.2.1 Reflexões filosóficas sobre o tema

Em termos filosóficos, a complementariedade entre as éticas pode ser discutida a partir dos preceitos da lógica paradoxal que une os contrários num todo dialético, como, por exemplo, na dialética hegeliana ilustrada no caso do senhor e do escravo. O senhor se relaciona com o escravo de forma mediata por meio da natureza, enquanto o escravo está retido nela, da qual não pode abstrair-se, tornando-se dependente. O senhor, ao contrário, tendo conseguido tal abstração, dominou a natureza e, conseqüentemente, o escravo. Entretanto, o senhor só pode exercer sua dominação sobre o escravo se este curvar-se às suas ordens e executar os trabalhos exigidos por ele (HEGEL, 1992).

Na perspectiva dos filósofos do Capitalismo, o conceito de “mão invisível do mercado”, proposto por Adam Smith, explica essa dialética paradoxal no Mercado.

Para Smith (2003), “a mão invisível” simboliza o verdadeiro orquestrador da harmonia social presente no livre mercado, vez que o autointeresse e o egoísmo que podem ser considerados procedimentos imorais transformam-se em elementos altamente desejáveis ao trazer o progresso e o desenvolvimento econômico e social; portanto, responsáveis pela riqueza das nações. Essas

assertivas constituem os primeiros fundamentos filosóficos do liberalismo econômico.

5.1.3 Exemplo marcante 3

Outro exemplo marcante citado pelos educandos se refere ao entendimento das ações consideradas legítimas nas relações que se estabelecem entre a organização e a comunidade na qual a empresa está inserida.

Quadro 10. Relações da empresa com a comunidade.

<p>Doutrina da Responsabilidade Social As empresas são depositárias de recursos sociais</p> <p>As empresas existem com a autorização da sociedade</p> <p>As empresas tem a obrigação de agir segundo os interesses da sociedade</p>	<p>Doutrina do Interesse do Acionista A responsabilidade primária da empresa é defender o interesse de seus acionistas.</p> <p>Defendendo o interesse do acionista, a empresa faz o que sabe fazer melhor e beneficia a sociedade pela produção de riquezas.</p> <p>Não cabe à empresa resolver problemas sociais que pertencem ao âmbito das organizações de caridade e do governo.</p>
--	---

Fonte: Bazanini (2010, p. 99).

5.1.3.1 Reflexões filosóficas sobre o tema

Em termos filosóficos, o debate que se estabelece nas relações da empresa com a comunidade propõe a discussão sobre os valores determinantes que contribuem para a dignidade do ser humano.

Nessa perspectiva, é possível questionar: os executivos devem optar pela razão instrumental que coloca o lucro acima de tudo, o relacionamento competitivo com o mercado na relação ganha-perde e, para isso, é preciso possuir interesses pela arte da guerra ou, pela razão humanista que coloca o homem acima de tudo, o relacionamento colaborativo com o mercado na relação ganha-ganha e, para isso, é preciso se interessar pelo bem-estar de todos?

Em nossa contemporaneidade, essas duas posturas por vezes convivem, ora colaborativamente, ora litigiosamente, como pode ser observada na relação das empresas associadas ao Instituto Ethos de Responsabilidade Social, e, como na dialética do senhor e o escravo, não pode haver vencedor e perdedor entre os defensores dessas duas posturas, porque isso causaria a morte de ambos e impediria que o processo de conhecimento progredisse (HEGEL, 1992).

Desse modo, os exemplos citados pelos pesquisados apontam a necessidade de dotar a Filosofia de conteúdos e metodologia relacionados à resolução de problemas como ferramental teórico dos educandos para um melhor entendimento das disciplinas consideradas práticas do curso.

5.1.4 Exemplo marcante 4

Na perspectiva dos filósofos do Capitalismo, a queixa apresentada por Frederick Taylor em seu depoimento à comissão da Câmara, em 1912, sobre a Administração Científica, advertindo que sua teoria foi interpretada de forma unilateral, constitui também um excelente exemplo da complementariedade entre a visão da Doutrina do Interesse do Acionista e da Doutrina da Responsabilidade Social.

Quadro 11. Reprodução do depoimento de Frederick Taylor.

A Administração Científica não é nenhum artifício para o aumento da eficiência, ou sequer um artifício para conseguir eficiência.

Não é um novo sistema de custeio; não é um novo esquema de remuneração; não é um sistema de pagamento por tarefa; não é um sistema de prêmios; não é um sistema de bonificações; não é um esquema de remuneração de empregados; não é cronometrar o trabalho de um homem e depois anotar algo numa prancheta; não é estudo de tempos; não é estudo de movimentos ou análise dos movimentos dos operários; não é a impressão e imposição de uma tonelada ou duas de formulários aos trabalhadores, dizendo-se: “Está aqui o sistema de vocês; usem-no”. Não é a divisão de trabalho de contramestre ou contra mestria funcional; não é qualquer um dos dispositivos que a média das pessoas logo pensa ser, quando se fala em administração científica...

(...) “Agora, em sua essência, a administração científica envolve uma

revolução mental completa por parte do trabalhador envolvido em qualquer estabelecimento ou atividade particular – uma revolução mental completa de parte desses homens em relação às suas obrigações para com seu trabalho, seus colegas e seus empregadores. E envolve a revolução mental igualmente completa por parte dos indivíduos do lado da administração – o contramestre, o superintendente, o proprietário da empresa, o conselho de administração -, uma revolução mental completa de sua parte em relação às suas obrigações para com seus colegas na administração, seus empregados e todos os seus problemas cotidianos.

A grande revolução mental que ocorre na atitude mental das duas partes sob a administração científica é representada pelo fato de que os lados tiram seus olhos da divisão do excedente, como questão dominante, e voltam conjuntamente suas atenções para o aumento do tamanho do excedente, até que este se torne tão grande que passe a ser desnecessário brigar sobre como deve ser dividido. Começam a perceber que quando pararem de brigar uns com os outros, e em vez disso lutarem ombro a ombro na mesma direção, o tamanho do excedente criado por seus esforços, os conjuntos tornam-se realmente assombrosos. Ambos os lados reconhecem que quando substituem o antagonismo e o conflito por cooperação amigável e solidariedade tornam-se capazes, em conjunto, de aumentar tanto esse excedente que passa a haver amplo espaço para um substancial aumento de salários para o trabalhador e aumento igualmente significativo dos lucros do industrial.

Fonte: Bazanini (2007, p. 201) extraído de Taylor (1912).

Em suma, Frederick Taylor, em sua justificativa, busca desfazer o conceito de que, em sua teoria, a produtividade e a preocupação com a compressão do tempo são enfatizadas em detrimento da qualidade de vida dos trabalhadores e das questões de ética e de responsabilidade social.

Assim, o debate filosófico sobre as estratégias presentes no ensino/aprendizagem de Filosofia com o emprego ABP na perspectiva da visão empreendedora permite resgatar as teorias propostas no mundo dos negócios para se discutir criticamente sua pertinência atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou identificar novas possibilidades para o ensino-aprendizagem da disciplina Filosofia da Administração, com o intuito de propiciar maior interação e construção de conhecimentos por meio da apresentação e discussão de relatos vivenciados em sala de aula por professores e alunos.

As reflexões sobre os conteúdos de Filosofia propiciaram possibilidades de desenvolvimento de ferramentais metodológicos úteis para ampliar a interação entre alunos e professores, bem como avaliar o conhecimento adquirido no processo virtual de aprendizagem.

Assim, em consonância com essa percepção, os resultados da pesquisa indicam que a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) se torna imprescindível em atividades concorrenciais, atividades nas quais a aprendizagem mecânica, repetitiva e memorística e a divagação se tornam contraproducentes.

A metodologia e os conteúdos ministrados no ensino tradicional nas Ciências Sociais Aplicadas mantêm a contradição entre educador-educando por separar efetivamente o processo de produção do conhecimento das exigências do contexto social ao distinguir a ação do educador em dois momentos: no primeiro, o educador em sua biblioteca adquire os conhecimentos, e no segundo, diante da classe, apresenta aos educandos os resultados de suas leituras, cabendo a esses apenas arquivar o que ouviram ou copiaram.

Essa concepção desconhece que a Filosofia é uma experiência do pensamento humano que convida a entrar no mundo do conhecimento e, com isso, oferece uma oportunidade excepcional de se apreender a realidade, transformando-a de forma a torná-la melhor para o convívio humano e a pertinência ou não para se avaliar o valor do pensamento filosófico está no debate sobre a maneira correta de se colocar um problema.

Diante disso, a necessidade de alfabetização metodológica e a visão sintética das Abordagens Baseadas em Problemas (ABP) podem constituir

recursos imprescindíveis para se entender a pertinência do pensamento filosófico por meio de reflexões temáticas, como ocorreu nesse estudo.

A experiência realizada em sala de aula acompanhada da pesquisa de campo propiciou a obtenção de respostas incorporadas numa visão sistêmica, ao unir a racionalidade dos procedimentos (diagnosticar, fixar objetivos, propor metas, elaborar programas etc.) tendo como base a cultura de determinada sociedade (hábitos, costumes, *script* de vida etc.).

Por um lado, a adoção dessa metodologia permite a percepção do contexto; a identificação do problema; a solução proposta passando necessariamente pela racionalidade do discurso; a visão holística e o entendimento pragmático da atividade executiva; por outro, permite também a releitura crítica dos filósofos do Capitalismo referente aos atributos de egoísmo e de altruísmo; a competição e a concorrência, a motivação e a produtividade; os conceitos, esses essenciais na formação dos futuros profissionais da Administração.

Enfim, a finalidade do ensino de Filosofia não pode se constituir em mera especulação no vácuo ou simples jogo de conceitos abstratos, nem se exaurir somente no perfil de profissionalização técnica, visto que a Educação Superior precisa investir profundamente na formação humana dos estudantes, sem perder o sentido do concreto.

Todavia, para a realização deste trabalho, algumas limitações ficaram evidentes; entre elas, a amostra referente a um pequeno público.

Além disso, a pesquisa realizada num pequeno espaço de tempo também dificulta reconhecer as expectativas mais amplas e formular orientações para futuras pesquisas empíricas, entre as quais se pode destacar a elaboração de outras questões de pesquisa para se mensurar expectativas mais completas que aquelas propostas na presente pesquisa.

De posse dessas atualizações, poder-se-ia realizar um estudo comparativo entre disciplinas que utilizassem o ensino tradicional de Filosofia e

outras que não o utilizassem, aplicando o questionário de expectativas e de outro questionário ao final da disciplina, viabilizando comparação entre as duas abordagens de ensino-aprendizagem.

Portanto, entre as principais limitações da pesquisa, evidencia-se a amostra constituída de três professores e dez alunos. Diante disso, pode-se inferir que, em amostras maiores, certamente algumas dificuldades talvez se tornem mais visíveis aos educandos, acostumados a “receber” passivamente as informações diante de situações em que são exigidas maior atividade, trabalho e esforço e tendem a se mostrar, inicialmente, resistentes ao novo método, também decorrente do hábito no ensino tradicional estar baseado na memorização, alguns professores tendem a manifestar certa relutância na aplicação do método, principalmente pelo custo demandado na elaboração dos textos dos problemas, visto que para isso se requer certa dose de criatividade.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, D. P. **Aquisição e retenção de conhecimentos**: uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2006.

BARNARD, C. I. **The Functions of the Executive**. Nova York: Harward, University Press, 1968.

BARRAWS, H. S.; TAMBLYN, R, M. **Problem-Based Learning**: an approach to medical education. New York, USA: Springer, 1980. v. 1. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=9u-DJuQq2UC&oi6g0bfFEyyTZETiToLe1RU#v=onepage&q=>>. Acesso em: 13 abr. 2015.

BAZANINI, R; BAZANINI, H. L. **Filosofia e Ética nas Ciências Sociais Aplicadas**. Estratégias e Lógica da Inteligência Competitiva. São Paulo: Plêiade, 2014.

BAZANINI, R. **Filosofia e Evolução das Ideias Sociais**: visão crítica das ideologias no mundo dos negócios. São Paulo: Plêiade, 2010.

_____. The teaching of Philosophy as a Human Existential Procedure. The Bazanini Method in teaching of Philosophy. Philosophy applied to the administration. Paper aprovado no **Global Congress on Engineering and Techonology Education**. GCETE 2005.

_____. **Visão Filosófica das estratégias em administração**: Há controvérsias e conveniências. São Paulo: Plêiade, 2007.

BERBEL, N. A. A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos? **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. n. 2, p. 139-154, fev.1998.

BUFREM, L. S.; SAKAKIMA, A. M. O ensino, a pesquisa e aprendizagem baseada em problemas. **Transformação**, Campinas, v. 15, n. 3, p. 351-361, set./dez. 2003. Disponível em: <<http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=15260>>. Acesso em: 3 maio 2015.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CUNHA, M. I. Docência na universidade, cultura e avaliação institucional: saberes silenciados em questão. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 32, p. 258-271, 2006.

DE LA TORRE, S. **Criatividade aplicada**: recursos para uma formação criativa. São Paulo: Madras, 2008.

DEMING, W. E., **Qualidade: A Revolução na Administração**. Rio de Janeiro: Marques Saraiva, 1997.

DEWEY, J. **Liberalismo, Liberdade e Cultura**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

DESCARTES, R. **Discurso sobre o Método**. São Paulo: Hemus, 1968.

DRUCKER, P. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1993.

DUTRA, J. S.; FLEURY, T. L.; RUAS, R. **Competências: conceitos, métodos e experiências**. São Paulo: Atlas, 2008.

FAYOL, H. **Administração Industrial e Geral**. 9.ed. São Paulo: Atlas, 1987.

FLICK, U. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre Artmed, 2009.

FOLLET, M. P. **Dynamic Administration: the collected papers of Mary Parker Follet**. Edited by Henry C. Metcalf and L. Urwic. New York/London: Harper & Brothers Publishers, s/d.

GABOR, A. **Os Filósofos do Capitalismo: A genialidade dos homens que construíram o mundo dos negócios**. Rio de Janeiro, Campus, 2001.

GIGLIO, E. M.; HERNANDES, J. L. G. Discussões sobre a Metodologia de Pesquisa sobre Redes de Negócio Presentes numa Amostra de Produção Científica Brasileira e Proposta de um Modelo Orientador, **RBGN-Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v.14, n.42, 2012, p. 78-101.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.2, 1995, p.57-63.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade** 10.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEGEL, G. W. F. **Fenomenologia do Espírito**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

JONASSEN, D. **Computadores, Ferramentas Cognitivas: desenvolvendo o pensamento crítico nas escolas**. Porto-Portugal: Porto. Coleção Ciências da Educação. Século XXI, nº 23, 2007.

KNOWLES, Malcon S.; HOLTON III, Elwood F.; SWANSON, Richard A. **Aprendizagem de resultados: uma abordagem prática para aumentar a efetividade da educação corporativa**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2009.

LEMOS, A. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MASETO, M. T. **Competências Pedagógicas do Professor Universitário**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2012.

MASLOW, A. H. **Eupsychian Management**. Nova York: Hardcover, 2001.

MAYO, E. **The Human Problems Civilization**. New York: The Macmillan Company, 1933.

MCGREGOR, D. **O lado humano da empresa**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MORAN, J. M. Tendências da educação online no Brasil. **Educação corporativa e educação a distância**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.

NEGROPONTE, N. **Vida digital**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PINCHOT, G. **Intrapreneuring**: Por que você não precisa deixar a empresa para tornar-se um empreendedor. São Paulo: Habra, 1989.

PRADO DE MENDONÇA, E. **O Mundo Precisa de Filosofia**. Rio de Janeiro: Agir, 1984.

PRETTO, N. L.; RICCIO, N. C. R. A formação continuada de professores universitários e as tecnologias digitais. **Educar**, Curitiba, n. 37, maio/ago. 2010. p. 153-169.

RAMOS, K. M. **Reconfigurar a Profissionalidade Docente Universitária**: um olhar sobre ações de atualização pedagógico-didática. Porto: Universidade do Porto, 2010.

RIBEIRO, L. R. **Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL)**: uma experiência no ensino superior. São Carlos: UFSC, 2008.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodologia de La Investigación**. México: McGraw-Hill, 1991.

SPENCER, H. **Do Progresso: sua Lei e sua Causa**. Lisboa: Editorial Inquérito, 1939.

SMITH, A. **A Riqueza das Nações**. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

TAYLOR, F. W. **Princípios de Administração Científica**. 8. ed. São Paulo, Atlas, 1990.

_____ **Testimony Before The Special House Committee** (1912). Disponível em: <www.cbo.gov/publications/collections/prescriptiondrugs.cfm>. Acesso em: 12 jul. 2015.

VEEN, W.; VRAKING, B. (2009). **Homo zappiens**: educando na era digital. Porto Alegre: Artmed, 2009.

YIN, R. K. (2010). **Estudo de Caso**: Planejamento e Métodos. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.

ZACARELLI, S. B. **Estratégia e Sucesso nas Empresas**. São Paulo: Saraiva, 2000.